
O AMIGO DAS LETRAS.

Dalciqne animos novitate tenebo.

OVID. MET. IV.

DOMINGO 30 DE MAIO DE 1830.

O D E.

A' FORTUNA. (*)

Impotente divindade, mais desprezível ainda do que os escravos, que te adorão! O' Fortuna! Embora o universo se prostre a teus pés, eu nunca me curvarei perante teus altares. Do alto do teu throno receberás o incenso de miseraveis aduladores; mas, não tem os teus louvores de manchar meus labios ainda innocentes.

Tu, que nunca veneraste o vício! Tu, O' Musa, que te envergonhas de adulallo, ainda mesmo quando o

(*) Esta Ode foi composta em Allemão: ignora-se o nome de seu author, e com certeza se não sabe o tempo, em que foi dada á luz. E' traduzida da versão Francesza, que se acha nas Variedades Litterarias, vol. I. pag. 115.

vês collocado no throno! Dize, ah! Dize, qual a força, que obrigou os povos a adorar esse ómem soberbo, que, na insolencia do seu semblante, manifesta os vícios de seu coração? Seria, por ventura, por lhe correr nas veias o sangue de um tyranno, cuja fronte impura des-honrara o diadema? O favor da Fortuna o elevou ao solio; mas, a baixeza de sua alma o destinava ao arado.

No seio das grandezas, que inveja o virgo illudido e ignorante, eu o vejo beber, a longos tragos, o incenso, que arde em seus altares. O' ómens loucos e cé-gos! Aquelle, cujos crimes constituirão uma divindade, acaso merece ser tambem a vossa! Pois bem; adorai a mão, que vos opprime, e merecei vosso castigo.

Usurpadores soberbos! Vós, que de monarcas só tendes o orgulho e o esplendor! O tempo cava um abysmo debaixo do vosso throne; o desassocêgo e o enfado vos alcanção através de vossas guardas. Em vão clamaes vós pela paz e pelo descanso; a dias tristes e tenebrosos se seguem noites perturbadas, e interrompidas pelo temor e pelos remorsos. O simples ruido das folhas vos assusta; o agradável murmurio de um ribeiro, que encanta e adormece meus sentidos, leva á vossa alma a inquietação e o terror. Lastimosa felicidade é essa, que por certo não comprara o ultimo de vossos escravos, ainda á custa de todas as suas penas!

Vós, que reinaes para felicidade do mundo, soberano querido de povos venturosos! Vós, a quem o delicioso encanto das virtudes adorna mais do que o esplendor da corôa! Se é que existe felicidade superior á vossa, a

Fortuna vo-la devia conceder ; a de não ser príncipe. O vosso nome resôa , querido e alençado , por todo o universo , mas , os satellites que cercão o throno , affugentão a dôce paz , e os prazeres mais inagentes.

Se os negros cuidados tem igual assento no throno dos Titos , e dos Domicianos ; sim , eu saberei desprezar o sceptro. Cingida a fronte dos laureis , colhidos no campo de Marte , eu lançarei pezados grilhões nos pulsos da voluvel Fortuna : quero que o estrondo do meu nome inspire terror ás nações ! Que aos céos dirija a viuva contra mim infructuosas queixas ! Que a innocencia ainda no berço de mim reclame seu pai ! Que o ancião me lance em rosto a morte de seu filho , unico arrimo de seus cançados dias ! Os ómens hão-de admirar-me , tremendo de susto , e apellidar-me-hão heróe.

Mas , quando o roubo e os estragos houvessem sujeitado ao meu dominio a metade do mundo , qual seria o premio de meus altos feitos , de minhas proezas ? Triste de mim ! O não ter conquistado mais do que a vergonha de ser o flâgello , e o tyranno de meus semelhantes !!! E todos a um tempo dirião : “ Este malvado que tem derramado o sangue de tantos milhares de ómens , mesmo nos paroxismos de uma morte ignominiosa , e entregue aos supplicios mais horrorosos , ainda assim não expiaria seus enormes attentados . „ Ah ! Embora comigo pereça o meu nome ; eu não o quero fazer passar á posteridade , a par do crime e do opprobrio !

Váe-te para longe de mim , feroz deosa dos guerreiros ! Gloria sanguinaria , eu aborreço teus favores ! Um Deus , que muitas vezes chegão teus proprios validos a

incensar, um Deos muito mais poderoso do que tu, impera em minha alma : o Deos das riquezas receberá sempre todas as minhas homenagens.

A virtude e a candura, ó mundo ! fôrão outr'ora as companheiras da tua mocidade ! Mais formosa do que os tenros adornos dos prados, a natureza espargia seus encantos sobre teus doces e pacíficos prazeres ; brincava a felicidade com a innocencia : o invejoso inimigo do ómem foi buscar a riqueza, a qual, sahindo das escuras cavernas da terra, lançou por terra, destruiu os altares da virtude, e introduzio no mundo o vicio e a desgraça.

E' a prol do ómem, que a terra recolhe em seu seio o bemfazejo orvalho, que n'ella depositão inexauriveis nuvens. O' terra ! O ómem, ingrato a teus favores, quer recompensar-te, rasgando-te as entranhas : em vão responde tua dôr aos golpes, com que te fere sua mão sacrilega ! Em vão lhe annuncião teus gemidos as desgraças, que o esperão, e se alimentão em teu seio !

Para fóra das choupanas, em que habita, se arroja furiosa a avareza. Não satisfaz seus avidos desejos a extensão de um só hemispherio : ella inventa, fabrica uma morada fragil e movediça, e impavida desafiando os ventos e os mares, vae roubar a povos selvagens thesouros, que elles desprezão, para fornecer novos alimentos ao vicio ; e assim augmenta a um tempo a sua miseria e suas riquezas.

O prodigo, dispendendo a mãos largas o seu ouro, e sedento de prazeres, a troco dos cofres de seus pais compra a indigencia e o desprezo. Parecendo reccar a immediata proximidade da sua ruina, vai lançar-se nos

braços da sensualidade ; mas , mal accorda , com lagrimas de sangue chora a sua profunda miséria , e raivosamente conhece que d'elle fogem , que procurão evitallo os adúladores , que o arruinarão. O avaro ri-se da desgraça do prodigo , sofre a fome e o opprobrio , e morre contando seus thesouros.

Eterno espirito , que mandaste ao ómém sahir do nada ! Animado por tua voz , teu sópro poderoso creou a terra ; e foi acaso para d'ella formar a morada do crime e da desgraça , que lhe deste tantos encantos ? De que me serve o universo sem a felicidade ? Se é preciso que eu a ella renuncie , aniquila-me , ó Deos , e ao universo !

O'mém insensato ! Como é que não receias que o Ente Infinito , contra Quem murmuras , te reduza , soberbo insecto , ao pó de que te tirou ? Dissipa as densas nuvens , que te offuscam os olhos ; se a felicidade te abandona , tú só és o culpado ; ella procura-te , mas tu a desprezas , e fóges d'ella. Se amares a virtude , pastor ou monarca , tens certa a ventura , viverás feliz ; mas , se entregares tua alma ao vicio , não contes com a felicidade , serás sempre desgraçado !

~[☉]~

INDICAÇÃO DE MIRABEAU OFFERECIDA A' ASSEMBLEA NACIONAL , NA SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1790 , POR OCCASIAO DA MORTE DE FRANKLIN , PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA.

Senhores ! E' morto Franklin... Voltou para o seio da Divindade o genio , que libertou a America , e deram na Europa torrentes de luzes.

O sabio, que dous mundos reclamão; o ómem, que entre si disputão a historia das sciencias e a historia dos imperios, por certo que occupava um lugar distincto na especie humana.

Por ~~muito~~ tempo memorarão os gabinetes politicos a morte d'aquelles, que não fôrão grandes senão no seu elogio funebre. Há já muito tempo que a etiqueta das côrtes proclama e ordena lutos hypocritas. As Nações só devem trazer o luto de seus bemfeitores; nem devem os representantes das Nações recommendar á sua homenagem senão os heróes da humanidade.

O Congresso ordenou nos quatorze Estados da Confederação um luto de dous mezes pela morte de Franklin: n'este momento, paga a America este tributo de veneração a um dos pais da sua Constituição,

Acaso não seria digno de nós, Senhores, o unir-mo-nos a este acto religioso, e tambem prestar-mos, á face do universo, a grata homenagem, devida aos direitos do ómem, e ao philosopho, que mais contribuiu para por toda a terra se propagar a conquista d'estes direitos? A antiquidade houvéra erigido altares a esse vasto e poderoso genio, que, a beneficio dos mortaes, abarcando em seu pensamento o céu a terra, soube zombar dos golpes do despotismo, e reprimir os tyrannos. A França, sabia e livre, deve quando pouco um testemunho de saudade a um dos mais distinctos d'esses ómens, que mais relevantes serviços prestarão á philosophia, e á liberdade.

Proponho, por tanto, que se decrete que a Assemblêa Nacional deverá tomar por Benjamin Franklin um luto de tres dias.



CARTA DO EMBAIXADOR DE BANTAM (*) A SEU AMO

Quippe demum timet ambiguum, Tyriosque bilingues.
VIRG. EN. I.

“ Nada causa tanto prazer, ,, diz Platão, “ como o
,, ouvir dizer e fallar a verdade. ,, E’ este o motivo porque
se não dá conversação mais agradável do que a de um ómem
de integridade, que ouve sem intenção de atrainçoar, e
falla sem querer enganar.

De todo o bem que se diz de Catão, parece que o
que mais honra lhe faz é o seguinte facto, que refere
Plutarco. Estando um orador advogando a causa de seu
cliente na presença de um dos Pretores, como n’uma
circumstancia, em que a lei exigia expressamente o tes-
temunho de duas pessoas, elle não podesse produzir
mais do que uma testemunha, insistio muito na integri-
dade do individuo, que apresentava; mas, o Pretor res-
pondeo-lhe, que aonde a lei requeria duas testemunhas,
não era do seu dever aceitar uma só, mesmo quando
essa fôsse o proprio Catão. Este dito de um magistrado,
proferido publicamente ainda durante a vida de Catão,
mostra-nos, melhor do que mil exemplos, a alta repu-
tação que entre seus contemporaneos merecêra a sinceri-
dade d’este grande ómem.

(*) Cidade da Ilha de Java, e capital do reino do
mesmo nome.

Quando esta inflexível integridade é um pouco temperada, e qualificada pelas regras da conversação, e da polidez, não se encontra com uma virtude mais brilhante no catálogo dos deveres sociaes. Todavia, deve o ómmem muito cuidado em não se polir em menoscabo da sua veracidade, nem apurar de mais a sua conducta em prejuizo da sua virtude.

O grande pregador Britannico (*) trata excellentemente d'esta materia n'um elegante sermão. Seja-me permittido transcrever duas ou tres passagens d'esse sermão, que servem de introdução á curiosa carta, que logo depois pertendo apresentar.

“ A antiga singeleza e sinceridade de nossos pais, aquella generosidade e honestidade natural, que sempre manifestão a verdadeira grandeza de alma, e de ordinario andão acompanhadas de uma coragem e resolução a toda a prova, estão entre nós em grande parte perdidas.

Hoje o dialecto da conversação abunda tanto em vaidade e cumprimentos, são tantas as expressões de bondade e respeito, que se um ómmem morto há um ou dous seculos agora resuscitasse, teria necessariamente de recorrer ao dictionario para entender a sua propria lingua, e conhecer o verdadeiro e intrinseco valor das phrases da moda. „

A seguinte carta suppõe-se ter sido escrita, no reinado de Carlos II, pelo embaixador de Bantam, pouco tempo depois da sua chegada a Inglaterra.

(*) *O arcebispo Lillotson, Serm. I. Vol. II.*



MEU AMO.

“ A gente, entre quem hoje me acho, tem a lingua tão longe do coração, que bem posso comparar a sua distancia com a que existe entre Londres e Bantam; e tu vives certo que os habitantes de um d'estes lugares não podem saber o que se passa no outro. Estes ómens d'aqui chamão-nos, a ti e a teus subditos, de barbaros, só por dizer-mos o que entendemos; e tem-se na conta de um povo civilisado, por isso que dizem uma cousa, e entendem outra: á verdade dão o titulo de grossaria, á mentira o de polidez. Assim que desembarquei, um homem, que o rei d'esta terra mandára receber-me, logo me disse — *Que muito sentia que eu tivesse soffrido uma tempestade tão terrivel, poucos dias antes da minha chegada.* — Causou-me summa admiração vello affligir-se tanto por meu respeito; mas, elle em menos de um quarto de hora surrio-se, e estava tão alegre como se nada tivesse acontecido. Um outro, que o acompanhava, pediu ao meu interprete que me dissesse — *Que elle estimaria infinito poder fazer-me todos os serviços possiveis.* — Querendo condescender com elle, pedi-lhe que me levasse uma das minhas mallas; porém, em vez de servir-me, segundo acabava de prometter, rio-se, e mandou a outro levalla. Morei a primeira semana em casa de um homem, que me pediu — *Que estivesse á minha vontade, e que considerasse como minha a sua caza.* — Com effeito, principiei na manhã seguinte por deitar abaixo uma das paredes da minha salla, para assim dar mais franca entrada ao ar, e até já tinha escolhido e apartado al-

alguns dos moveis, que nella se achavão, para te mandar de presente; mas apenas o tal maroto dêo por isso, sem mais nem menos suspendeo o meu trabalho, dizendo-me que em sua casa nunca consentiria em semelhantes atrevimentos. Passado algum tempo, um ómem, para quem eu alcançara uma graça do primeiro dos criados do rei, disse-me — *Que eu tinha direito á sua eterna gratidão.* — Admirou-me tanto o excesso da sua gratidão, que muitas vezes eu dizia comigo mesmo: Qual será o serviço, que possa obrigar a gratidão de um ómem por toda a eternidade! Todavia, em recompensa, só lhe pedi que me emprestasse a sua filha mais velha durante a minha estada n'este paiz; porém, bem depressa conheci que elle era tão falso e atraídoado como os outros seus patri-cios todos.

“A primeira vez que me apresentei á cõrte, um dos grandes quasi que me ia confundindo e envergonhando, pois me pedio — *dez mil perdões* — só por me ter, por mero acaso, pizado n'um dedo do pé. Elles chamão a esta especie de mentira um cumprimento: quando rendem civilidade a um grande, dizem-lhe muitas mentiras, e mentiras taes, que só por metade mandarias tu dar a qualquer official teu, que as proferisse, com bastonadas. Não sei como me hei de haver com esta gente, visto o pouco, ou antes nem um credito, que merecem. Quando quero fallar com o ministro do rei, de ordinario me dizem que elle não está em caza, apezar de muitas vezes eu mesmo o vêr recolher-se. Se aqui vieses, havias assim como eu pensar a principio que n'esta nação todos são medicos; pois que a primeira pergunta que sempre fazem a qualquer é — *Como está?* Re-

pete-se-me esta pergunta mais de cem vezes ao dia. Também, não é só da minha saúde que elles são curiosos, pois t'a desejo de um modo mais solemne ainda, quando me acontece estar com elles á meza, com um copo cheio na mão; e então sempre me querem ver a beber dos seus licôres em quantidade tal, que por vezes tenho ficado doente. De quando em quando também dirigem votos ao ceo pela tua saúde: mas, a mim me parece que a devo esperar mais da bondade da tua constituição, do que da sinceridade de seus desejos. Possa o teu escravo escapar a salvo d'esta casta de ómens de duas linguas, e prostrar-me ainda uma vez a tuas plantas, na tua real cidade de Bantam.

J. Addison.



O DIPLOMATA.

O officio de diplomata, independentemente do muito que é honroso, não deixa de ser muito lucrativo para aquelles, que o exercem honradamente; além dos ordenados, e do producto casual da chancellaria, este officio grangêa de tempos a tempos suas prendas menos más, sempre que se concluem negocios importantes. Mal acaba uma Excellencia de assignar um tratado de commercio, de alliança, ou de paz, debaixo de todas as formas lhe chovem presentes em caza. Apressão-se os soberanos contractantes a condecoralla com suas ordens; e como sabem que Sua Excellencia conhece o valor real das cousas, elles não se esquecem de realçar com ricos

amantes o preço da condecoração. Não se vá pensar que no meio d'essas prodigalidades fica em esquecimento a esposa de Sua Excellencia. A consorte do grande ministro, debaixo cuja direcção talvez se concluisssem os tratados de *Uampio Formio*, de *Rustadt*, de *Amiens*, de *Presbourg*, de *Tilsitt*, de *Paris*, e de *Gand*, apparece coberta de diamantes desde os pés até á cabeça, todas as vezes que lhe apraz enfeitar-se com tudo o que lhe valêrão as assignaturas do Excellentissimo marido. Também, longe de o occultar, ella francamente o confessa. Por acaso admirais o seu collar, pente, cinto, ou suas pulseiras? "A's pazes do Sr. de *Talleyrand* é que eu devo tudo isto," diz ella; "quantas pazes, outras tantas joias; até devo confessar que nada me agrada, tanto como o boato de uma nova paz." E' grande afflicção, e o desgosto, em que vive esta princeza, depois que o principe não tem mais influencia no mundo.



Algumas mulheres há, que tratão seus amantes e as cartas com a mesma indifferença: ellas servem-se das cartas para jogar algum tempo; lanção-as depois fóra, arranjanão outras novas, e acabão por perder com as novas tudo o que ganhárão com as velhas.

M.^{elle} Arnould.

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.